

CONTRIBUIÇÕES DA FORMAÇÃO CONTINUADA PARA A PRÁTICA EDUCATIVA NO PROJovem URBANO DE JUAZEIRO-BAHIA

Sílvia Raquel Santos de Moraes.

silviamorays@yahoo.com.br

Doutora em Psicologia

Especialista em Ensino Superior, Contemporaneidade e Novas Tecnologias

Professora do Colegiado de Psicologia da

Universidade Federal do Vale do São Francisco.

Marcelo Silva de Souza Ribeiro (orientador)

mribeiro27@gmail.com

Doutor em Psicologia

Professor do Colegiado de Psicologia da

Universidade Federal do Vale do São Francisco

Resumo: A formação continuada de educadores do Programa Projovem Urbano (PJU) é uma prerrogativa do Ministério da Educação em parceria com a Secretaria Nacional da Juventude em favor do aprimoramento profissional de educadores que nele atuam. Este artigo consiste no relato de experiência do processo de formação continuada de educadores do PJU de Juazeiro-BA segundo a visão dos mesmos. O referencial teórico utilizado foi a perspectiva dialógica de Paulo Freire com metodologia qualitativa de caráter participativo, ancorado pela ação-problematização-ação. Para tanto, aplicou-se um questionário avaliativo semi-aberto sobre a formação continuada. Os docentes avaliaram a formação de modo positivo, favorecendo o desempenho eficaz do educador e o êxito do programa. As principais contribuições apontadas foram: melhoria no desempenho e na didática em sala de aula, enriquecimento profissional, compreensão aprofundada do programa, diálogo interdisciplinar, maior integração dos atores envolvidos, alcance de novas metodologias de trabalho, melhoria da prática através das palestras/debates, aquisição de novos conhecimentos, maior segurança para abordar o material do programa, melhoria na relação professor-aluno, motivação para continuar no programa diante do avanço dos alunos, ajustes no binômio teoria-prática, cumprimento de metas estabelecidas, além da superação de expectativas iniciais. Os resultados sugerem que atividades como essa promovem não só o cumprimento/efetivação de Políticas Públicas de Juventude e de educação, mas também elucidam impasses/lacunas vividos pelos educadores e potencializam um trabalho interdisciplinar/integrado. Contudo, isso não exclui a necessidade de um debate mais aprofundado a respeito dos modos de conceber-gir-avaliar processos formativos educacionais no contexto dos programas sociais e das Políticas Públicas.

Palavras-chave: Projovem Urbano; Formação continuada; Educador; Prática educativa.

Abstract: The continuing training of teachers Projovem Program Urban (PJU) is the prerogative of the Ministry of Education in partnership with the National Youth Secretariat in

favor of the professional development of educators who work in it. This article is an experience report on the continuing education of educators PJU Juazeiro-BA process according to the vision of them. The theoretical framework used was the dialogical perspective of Paulo Freire with qualitative methodology of participatory character, anchored by the action-action-questioning. To do so, we applied a semi-open evaluative questionnaire on continuing education. Teachers evaluated the training positively, favoring the effective performance of the educator and the program's success. The main contributions identified were: improvement in performance and teaching in the classroom, professional enrichment, in-depth understanding of the program, interdisciplinary dialogue, greater integration of the actors involved, scope of new work methods, improving practice through lectures / discussions room acquisition of new knowledge, greater security to address the program material, improved teacher-student relationship, motivation to continue in the program before advancing students, adjustments in the binomial theory and practice, compliance with established goals, and overcoming initial expectations . The results suggest that activities such as this not only promote compliance / effectiveness of Youth Public Policies and education, but also elucidate impasses / gaps experienced by educators and enhance an interdisciplinary / integrated work. However, this does not preclude the need for further discussion about the ways of conceiving-manage-evaluate educational training processes in the context of social programs and public policy.

Keywords: Urban Projovem; continuing education; Educator; educational practice

O PROJÓVEM URBANO E A FORMAÇÃO CONTINUADA DE EDUCADORES

O Projovem Urbano (PJU) é um Programa do governo federal que surgiu em 2005 direcionado ao público jovem na faixa etária de 18 a 29 anos que ainda não concluíra o Ensino Fundamental. Constitui-se como uma oportunidade para que esse público conclua o Ensino Fundamental (EF), obtenha uma qualificação profissional (QP) e seja esclarecido quando à importância da participação cidadã (PC) na comunidade onde vivem. Sendo assim, tal programa baseia-se em três dimensões: EF, QP e PC e ocorre por meio da integralidade de seu Projeto Pedagógico Integrado (PPI), da interdisciplinaridade (diálogo entre as disciplinas e troca de saberes) e da interdimensionalidade (convergência de práticas que concentram as três dimensões supracitadas). Em 2012, este programa deixa de ter um caráter emergencial e passa a ser incorporado à Política Educacional brasileira, passando a ser incluído nos indicadores do Ministério da Educação (MEC).

O plano nacional de formação de professores para o PJU prevê a inserção de professores por intermédio de processo seletivo (gerido pelos municípios e/ou estados em toda a federação). Os professores devem ter licenciatura plena ou curso de Pedagogia há mais de cinco anos, possuir experiência docente de pelo menos três anos e noções básicas de informática. A condição fundamental para a permanência do formador no programa é que o

mesmo conclua a etapa da formação inicial e participe ativamente dos encontros de formação continuada ao longo de dezoito meses (período de duração do programa).

O PJU é norteado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, pelas prerrogativas da Educação de Jovens e Adultos e, ao mesmo tempo, por ações fundamentadas na QP e na PC. Sobre a QP, espera-se que a mesma possibilite novas formas de inserção produtiva, correspondendo, na medida do possível, tanto às necessidades e potencialidades econômicas (locais e regionais), quanto às vocações dos jovens. Já a PC deverá garantir aprendizagens sobre direitos sociais, promovendo planos de ações comunitárias e debatendo a formação de valores solidários.

As diretrizes previstas para a formação de educadores do programa visam: estimular o conhecimento do PPI; promover o papel do Professor Orientador (PO) e incentivar a ampla participação dos formandos no planejamento e desenvolvimento de sua própria formação. O PPI fundamenta-se, portanto, em conteúdos da formação continuada e prioriza: 1) O Projeto Pedagógico e o currículo Integrado; 2) A juventude atual e suas características; 3) O significado da inclusão no PJU; 4) O papel do PO e suas atribuições; 5) Os arcos ocupacionais em seus desdobramentos (formação técnica geral/FTG e QP); 6) Os diferentes processos utilizados na avaliação do programa; 7) O material pedagógico; 8) As estratégias para redução da evasão e garantia da aprendizagem (Salgado, 2012).

A operacionalização do PJU ocorre por meio de seis unidades formativas (UFs), com duração de três meses cada, as quais discutem as três dimensões do programa a partir de temáticas-chaves envolvendo a juventude, são elas: juventude e cultura (UF1), juventude e cidade (UF2), juventude e trabalho/comunicação, juventude e trabalho, juventude e cidadania (UF6). Segundo Salgado (Manual do Educador, 2012, p.26) as finalidades específicas do programa são:

- A reinserção dos jovens no processo de escolarização;
- A identificação de oportunidades potenciais de trabalho e a capacitação dos jovens para o mundo do trabalho;
- A participação dos jovens em ações coletivas de interesse público;
- A inclusão digital como instrumento de inserção produtiva e de comunicação;
- A ampliação do acesso dos jovens à cultura.

Atualmente o PJU passou a ser incorporado pelo Ministério da Educação como política pública educativa, de modo a ofertar uma formação integral aos jovens, por meio de uma efetiva associação entre as dimensões supracitadas anteriormente. Isso vai ocorrer por intermédio de contribuições efetivas das Organizações Juvenis, das Universidades, de especialistas e gestores das Políticas Públicas de Juventude.

A FORMAÇÃO CONTINUADA DE EDUCADORES DO PROJOVEM URBANO DE JUAZEIRO-BA

A formação continuada aqui relatada teve duração de dezoito meses, totalizando uma carga horária de 216 horas, sendo realizada através de encontros quinzenais de seis horas cada. Em Juazeiro-BA, a formação continuada iniciou-se em Maio de 2010 e encerrou em Novembro de 2011. Os encontros ocorreram no campus da Universidade Federal do Vale do São Francisco/UNIVASF, sendo mediados pela autora deste trabalho em questão, a qual é docente dessa instituição.

Primeiramente, pactuou-se a respeito do funcionamento das formações continuadas com um coletivo de trinta educadores envolvidos, tendo em vista as exigências do programa, bem como as especificidades locais e as demandas elencadas pelos educadores. Diante disso, montou-se o cronograma da formação de modo a abordar as especificidades do programa e os temas demandados como prioritários (violência, programas sociais e juventude, planejamento familiar, gravidez na adolescência, *bullying*, relação professor-estudante-comunidade, plano de ação comunitária, dentre outros).

O processo de formação de educadores ocorreu quinzenalmente, sendo respaldado pelo material do programa, pelos textos propostos pela FUNDAR (Fundação Darcy Ribeiro) e por artigos científicos selecionados com base nas demandas emergentes. O modo de operacionalizar as discussões ocorreu via rodas de conversa, as quais foram mediadas por professores universitários, profissionais liberais e por representantes da comunidade escolar. Os principais temas abordados foram: drogas; cultura de paz e violência, programas sociais voltados para a juventude; vulnerabilidade social; planejamento familiar e saúde dos jovens. Vale destacar que em todas essas ocasiões, os educadores forneceram *feedback* positivo, participando do debate e solicitando a permanência de atividades desse teor ao longo da

formação. Os demais temas abordados versaram sobre as unidades formativas conforme prerrogativas do programa.

Além disso, ao longo dos dezoito meses, recebeu-se (nos encontros quinzenais de formação), visitas sistemáticas de um avaliador externo enviado pela coordenação nacional do programa. Ocasão na qual o mesmo assistia a formação e aplicava questionários, entrevistava professores, observava a dinâmica de funcionamento e procedia com anotações de caráter sigiloso.

Os conteúdos previstos para serem abordados na formação continuada do PJU eram os seguintes: 1) O Projeto Pedagógico e o Currículo Integrado; 2) A juventude atual e suas características; 3) O significado da inclusão no PJU; 4) O papel do professor orientador suas atribuições; 5) Os arcos ocupacionais em seus desdobramentos (formação técnica geral/FTG e QP); 6) Os diferentes processos utilizados na avaliação do programa; 7) O material pedagógico; 8) As estratégias para redução da evasão e garantia da aprendizagem.

A avaliação das formações ocorreu por meio de: análise crítica do cumprimento do cronograma de atividades propostas, avaliações orais contínuas (relatos), e questionário avaliativo semiaberto (de natureza descritivo-exploratória) contendo perguntas objetivas e subjetivas sobre a formação continuada e o programa como um todo. No entanto, nesse artigo focar-se-á no questionário e mais especificamente, nas questões sobre a formação continuada. Vale ainda ressaltar que para fins desse relato de experiência, partiu-se da seguinte premissa: a formação continuada de educadores do PJU traz contribuições diversas que ultrapassam os conteúdos e as prerrogativas previstas.

O problema norteador desse relato foi guiado pelo seguinte questionamento: Quais são as contribuições da formação continuada do Projovem Urbano para os educadores do município de Juazeiro-BA? Desse modo, o objetivo geral foi descrever (segundo a visão e avaliação de 24 educadores) as possíveis contribuições da formação continuada realizada no biênio 2010- 2012.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Relato de experiência focado na perspectiva qualitativa, cuja compreensão aqui exposta foi balizada pela proposta de ação-problematização-ação de Paulo Freire. Segundo o autor, a conscientização pela educação é um processo de ação concreta e reflexão histórica,

que implica opções políticas, conhecimentos e valores para a transformação das relações sociais. Sendo assim, o trabalho educativo se faz através de problematizações, reflexão, crítica e ação (Freire, 1984; Tozoni-Reis, 2006).

A leitura e análise dos questionários foram realizadas a partir da perspectiva dialógica do mesmo autor. Participaram dessa atividade avaliativa, 24 educadores que cursavam a formação continuada do PJU na edição de 2010-2011, os quais foram devidamente instruídos quanto aos aspectos éticos e ao caráter voluntário da mesma. Os procedimentos utilizados incluíram: aplicação do questionário individual e impresso com cada educador, além de observações de campo. O questionário foi dividido em três partes e continha perguntas objetivas e subjetivas que versavam sobre o perfil dos educadores (parte 1), a formação continuada (parte 2) e aspectos gerais do PJU (parte 3). Para fins desse artigo que objetiva discutir as contribuições da formação continuada, focaremos maior atenção nas primeira e segunda parte, margeando apenas a terceira parte quando se fizer necessário.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Sobre o perfil dos educadores em questão, ressalta-se que de um total de trinta participantes da formação, 24 responderam aos questionários; sendo cinco do sexo masculino e dezenove do sexo feminino. Apenas um educador pediu para não participar, alegando que havia adentrado no programa em tempo recente e apenas para substituir um colega. Os cinco demais não responderam por que estavam ausentes naquele dia.

O tempo de docência variou de seis meses até quatorze anos. Quanto à pós-graduação, os educadores estão na seguinte situação: dois encontram-se cursando, sete concluíram, treze não têm e dois não responderam ao item. Dos 24 educadores, 22 realizaram formação inicial tutoriada pela UNIVASF.

Ao se autoavaliarem em relação aos seus investimentos para com o programa, destacaram ações/posicionamentos que poderiam realizar de modo mais apropriado, tais como: planejar/organizar mais os horários; participar da formação mais ativamente por meio de sugestões e compartilhamento de experiências; interagir mais com os colegas; expor frequentemente opiniões/proposições/questionamentos e conhecimentos científicos nos encontros; ajudar na captação de recursos humanos para as rodas de conversa; compartilhar

frequentemente as experiências vividas com os estudantes; trazer atividades lúdicas para a prática; ser mais pontual e assíduo nas formações.

Sobre as principais contribuições da formação continuada, destacou-se: 1) grande índice de assiduidade e de *feedbacks* positivos; 2) participação e engajamento crescente nas atividades propostas; 3) cumprimento de atividades propostas a contento; 4) cumprimento de metas estabelecidas a curto e médio prazo (criação de um email coletivo para comunicação e troca de material; confecção de portfólios, discussões sobre metodologias ativas de aprendizagem, avaliações processuais dialogadas, entrega de certificados); 5) inserção dos educadores e dos jovens do programa no cotidiano de atividades acadêmicas da instituição formadora (UNIVASF); 6) cumprimento das discussões/atividades envolvendo conteúdos específicos e transversais ao programa.

Diante da reflexão dos educadores sobre o próprio agir, nos recordamos das ideias de Freire (2011) ao elucidar que o ato de ensinar e aprender exigem: a) rigorosidade metodológica; b) pesquisa; c) respeito aos saberes envolvidos; d) criticidade, e) estética e ética; f) corporificação da palavra pelo exemplo; g) riscos, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação; h) reflexão crítica sobre a prática; i) reconhecimento e a assunção da identidade cultural; j) bom senso; k) humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores; l) apreensão da realidade; m) alegria e esperança; n) convicção de que a mudança é possível; o) curiosidade; p) segurança, competência profissional e generosidade; q) comprometimento; r) liberdade e autoridade ; s) tomada consciente de decisões; t) reconhecer que a educação é ideológica; u) disponibilidade para o diálogo; v) saber escutar; x) querer bem aos educandos.

Com isso, compreende-se que a formação continuada pode oferecer ‘bagagem’ para o desenvolvimento de um trabalho de excelência pautado em princípios da pedagogia da autonomia; ao passo que esclareceu dúvidas e apresentou conteúdos importantes para a prática docente e para o processo de ensino-aprendizado, uma vez que acompanhou os educadores no processo de construção do planejamento, na execução/avaliação de atividades em sala de aula com os jovens. Além disso, conforme expôs a maioria dos entrevistados, a formação contribui de forma decisiva para o direcionamento de ações junto ao público do programa, constituindo-se como uma oportunidade de crescimento/aprimoramento profissional.

A formação foi muito importante porque a troca de experiências me fez mais madura para atuar em sala de aula e minhas relações dentro do programa. (Educador 1)

Houve um direcionamento essencial para que o educador conhecesse e se adequasse ao que o programa exigia. Cresci muito com o auxílio dos educadores, assim como com a formadora. (Educador 5)

A formação ajuda a tirar as dúvidas além de dá algumas dicas. (Educador 8)

Muito profícuo e importante, pois nos proporcionou uma bagagem enorme para que pudéssemos desenvolver um trabalho de excelência em sala com os nossos educandos. (Educador 10)

A formação continuada é o alicerce das informações colhidas que posteriormente serão passados para os alunos do programa. (Educador 11)

Adquiri vários conhecimentos, materiais muito ricos... me ajudou como pessoa. (educador 14)

A metade está na formação e a outra metade está na prática. (educador 6)

De um modo geral, a formação foi qualificada como ‘importante, indispensável, ótima e motivadora’. Dentre as principais sugestões apontadas para a sua melhoria, os educadores destacaram: a inclusão de debates sobre temas integradores do programa e didática, dar prosseguimento as rodas de conversa; explorar mais o conhecimento prévio de cada educador; ampliar o tempo para a troca de experiências e realização de visitas aos núcleos (escolas onde funciona o PJU).

Sobre os resultados alcançados com o processo da formação, mencionou-se: obtenção de ferramentas/metodologias para desenvolver um trabalho mais qualificado; maior instrumentalização docente; espaço efetivo para compartilhamento de dúvidas e encaminhamentos de questões específicas do programa; ampliação de conhecimentos; maior preparo para enfrentar os desafios do programa; prática da teoria proposta; maior enriquecimento pessoal e profissional; bom entrosamento com o grupo de educadores; otimização de tempo e de recursos disponíveis; aquisição de conhecimentos/experiência docente para trabalhar com jovens; reflexões constantes sobre o processo de ensino-aprendizagem; melhor desempenho em sala de aula; alcance de novas metodologias de

trabalho; melhoria na relação professor-aluno e ajustes entre a teoria e a prática. Com isso, explicitaram que a formação atingiu resultados acima das expectativas previstas.

Crescer profissionalmente, trocar experiências com os colegas, formar opiniões. (Educador 14)

Como resultados destaco bom entrosamento do grupo, aprendizagem dos tópicos do programa, levantamento e solução de situações problematizadoras, socialização das situações com bons resultados como aprendizagem dos alunos e andamento do programa. (Educador 15)

Alcansei mais experiências para o dia a dia poder alcançar também minha sala de aula. (Educador 16)

Aconteceu tudo de uma forma muito satisfatória. (Educador 3)

Aprendizado, integração entre os professores, evolução na área profissional. (Educador 4)

Tive experiências na docência de português e cresci profissionalmente e pessoalmente, venci a timidez e troquei conhecimentos. (Educador 5)

Adquiri segurança, maturidade. (Educador 7)

Melhor desenvolvimento intelectual, pois houve textos ótimos e bons palestrantes. (Educador 8)

Apliquei na medida do possível os conhecimentos estudados na formação. Os vídeos, debates, palestras e dinâmicas que foram ministradas levei para a sala de aula. (Educador 9)

Sobre as principais dificuldades vivenciadas na formação continuada, houve um fato curioso: todos os educadores responderam acerca dos impasses/desafios vividos no âmbito do funcionamento do programa e não se detiveram à formação em si. As principais dificuldades relatadas foram: atraso do material, falta de articulação do grupo de educadores para resolver problemas coletivos, atraso no pagamento de salários, condições insalubres de trabalho, falta de segurança e de infraestrutura nos núcleos onde funciona o programa; evasão de alunos; individualismo; especificidades do público-alvo (rebeldia, violência, uso de drogas, desinteresse, cansaço), presença excessiva de crianças em sala de aula. Tais crianças são

filhos (as) dos jovens participantes do programa, os quais alegam que não tem ninguém para ficar com seus filhos enquanto estudam. Isso remete às discussões presentes na literatura a respeito das condições e modos de organização do trabalho docente no Brasil, constituindo, assim, um conjunto complexo de problemáticas que vão além da formação continuada.

Quanto ao modo de execução da formação continuada, os itens avaliados foram: atividades propostas, discussões em sala de aula, construção do portfólio, apresentação de textos, uso do tempo, pontualidade e assiduidade da formadora, do grupo e de cada educador, motivação da formadora, do grupo e dos educadores. As notas poderiam ser atribuídas de zero a 10 pontos para cada item. As menores notas atribuídas foram para os itens de construção do portfólio individual e para o quesito pontualidade grupal (variou de 6 a 8 pontos). Já as maiores notas versaram sobre as atividades propostas em si, as discussões e a motivação do grupo como um todo (variou de 8 a 10 pontos). Isso denota que as contribuições, no que tange a esfera de aprendizagem, alcançaram notas consideráveis. Vale ressaltar que embora a pontualidade do grupo não tenha sido bem avaliada devido a atrasos de alguns educadores isso não atingiu a motivação para a discussão, a qual foi bem avaliada.

As principais sugestões para alcançar melhorias na formação continuada foram apontadas a partir do redimensionamento de carga horária, da realização das rodas de conversa nos núcleos, de um maior número de parcerias com órgãos e instituições colaboradoras, da conservação de estratégias de ensino e de metodologias ativas de aprendizagem, da ampliação da participação da coordenação local nas formações, e por fim, das sugestões de alguns para que a formação e o planejamento ocorressem no mesmo dia um após o outro. E no tocante às perguntas sobre o desempenho da professora formadora, os educadores foram categóricos em afirmar que a sua forma de trabalho superou as expectativas devido ao grau de comprometimento para com o grupo e com o programa. Houve sugestões para que a mesma construísse um caderno de dinâmicas de grupo para socializar com os participantes e estendesse suas atividades para os jovens do programa, dada a carência de oferta de profissionais dispostos a colaborar diretamente nos núcleos. Contudo, ressalta-se que essa última atribuição não é tarefa exigida para os professores formadores.

Assim, os educadores ressaltaram aspectos da formação que deveriam permanecer inalterados, tais como: o uso de metodologias ativas de aprendizagem mediadas com base em materiais norteadores (textos, vídeos, artigos, poesias, letras de músicas), a oferta de palestras

com temas inovadores, a aposta na pactuação coletiva do grupo, o incremento de discussões de temáticas transversais ao PJU. A maioria destacou que o fato da formadora possuir formação em psicologia foi algo facilitador do diálogo com e no grupo, já que se trabalhava com base na compreensão dos problemas vivenciados junto aos jovens. Na visão deles, isso contribuiu de forma decisiva para agregar mais valores à formação continuada.

Quando perguntados a respeito do modo como poderiam cooperar com a formação, os educadores responderam: realizando trabalhos em equipe, compartilhando pesquisas, experiências e conhecimentos, interagindo com todos os educadores, sendo mais assíduos, pontuais e comprometidos, autoavaliando-se constantemente, discutindo temas transversais à prática docente, estudando em casa e ajudando a formadora e os colegas nas atividades propostas.

Vale ressaltar que tais resultados coincidem com os achados de Gatti (2003), quando a autora afirma que os conhecimentos compartilhados em um processo de formação continuada só adquirem sentido e/ou serão aceitos/incorporados se o foco do trabalho incluir não só aspectos cognitivos individuais, mas também, sócio-afetivos e culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Houve incompatibilidade entre as notas atribuídas a alguns quesitos e a avaliação escrita, a exemplo: a falta de materiais apareceu como item quase unânime entre os itens mais deficientes do PJU no ano de 2010. Contudo, um educador afirmou que não houve nenhum problema, tendo atribuído nota máxima para quase todos os quesitos. Este dado destoou da maioria. Com isso, admitem-se lacunas no instrumento avaliativo, o qual constitui apenas uma avaliação pontual.

Outro aspecto que merece destaque é grande número de questões não respondidas, mesmo com a devida explicação e tempo para preenchimento do questionário. Além disso, houve algumas respostas que se caracterizaram como inespecíficas porque não respondia ao que o quesito pedia, a exemplo, foram respostas do tipo sim, foi ótimo, tudo ótimo e nenhuma especificação sobre o que de fato a questão exigia.

Um possível ponto crítico da aplicação do questionário avaliativo talvez tenha sido a data escolhida. Ocorreu no dia da confraternização e encerramento das atividades do ano de

2010 e isso pode ter atrapalhado a concentração e/ou motivado os educadores a responderem mais rápido.

Mesmo diante das limitações apontadas, admite-se que o ensaio de avaliação realizada trouxe à tona uma série de pontos importantes não apenas sobre a formação, mas sobre o PJU como um todo. Além disso, realçou pontos que precisariam ser melhor analisados e corrigidos e/ou implementados na edição seguinte, conforme necessidade e/ou viabilidade. Como sugestão, aponta-se a discussão do questionário com os educadores, apresentando os resultados e fazendo os devidos encaminhamentos.

De um modo geral, os educadores avaliaram a formação continuada de modo positivo, admitindo que a mesma contribuiu significativamente não só para o desempenho profissional eficaz e para o êxito do programa, mas também para um processo de aprendizagem significativa diante da vida e de seus desafios, tendo em vista as atividades propostas envolverem discussões sobre o humano em suas diversas dimensões.

As principais contribuições apontadas foram: melhoria no desempenho e na didática em sala de aula, enriquecimento profissional, compreensão aprofundada do programa, diálogo interdisciplinar, maior integração dos atores envolvidos, alcance de novas metodologias de trabalho, melhoria da prática através das palestras/debates, aquisição de novos conhecimentos, maior segurança para abordar o material do programa, melhoria na relação professor-aluno, motivação para continuar no programa diante do avanço dos alunos, ajustes no binômio teoria-prática, cumprimento de metas estabelecidas pelo PJU, além da superação de expectativas iniciais. Isso coincide com o que Freire (2011) destaca acerca da prática docente e do ato de formar/ensinar pessoas. Para o autor não há docência sem discência, ou seja, apesar das diferenças entre educadores e educandos, quem ensina aprende ao ensinar; e quem aprende, ensina ao aprender. E só haveria aprendizado significativo na medida em que os educandos criam e recriam criticamente o que fora compartilhado.

Sendo assim, os resultados sugerem que atividades como essa promovem não só o cumprimento/efetivação de Políticas Públicas de Juventude e de educação, mas também elucidam impasses/lacunas vividos pelos educadores e potencializam um trabalho interdisciplinar/integrado. Contudo, isso não exclui a necessidade de um debate mais aprofundado a respeito dos modos de conceber-gerir-avaliar processos formativos educacionais no contexto dos programas sociais e das políticas públicas.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GATTI, Bernadette A. Formação continuada de professores: a questão psicossocial. *Cad. Pesqui.* [online]. 2003, n.119, pp. 191-204. Disponível <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602006000100007>. Acesso em 23 Março 2013.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. Temas ambientais como "temas geradores": contribuições para uma metodologia educativa ambiental crítica, transformadora e emancipatória. *Educ. rev.* [online]. 2006, n.27, pp. 93-110. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602006000100007>. Acesso em 23 Março 2013.

SALGADO, Maria Umbelina Caiafa. *Manual do Educador: Orientações Gerais*. Coleção Projovem Urbano. Brasília: Programa Nacional de Inclusão de Jovens – Projovem Urbano. Brasília, 2012.